

## LUAS

31-1-57

O SR. EMÍLIO MANCINE, funcionário público, está processando o fotógrafo Halfeld porque este o deixou, e à sua noiva e convidados, à espera durante horas, para a fotografia do casamento, e não apareceu. Alega Mancine que isso causou muito desgosto à sua senhora, e atrapalhou sua viagem de núpcias. Quer 60 contos de indenização para fazer outra lua de mel.

Que o sr. Halfeld deve ser punido, não há dúvida; mas me parece que 60 contos é muito, e demais, e é pouco, e nada. Será muito para as finanças do fotógrafo, e demais para uma lua de mel que, durando seis dias, não dura pouco para uma lua. Aconselho ao sr. Mancine aquele hotelzinho de Friburgo (creio que o nome é Parque) feito por Lúcio Costa com tanto gosto e carinho no fundo de um nobre parque do Império — aonde poderá gastar a terça parte, ou menos, com direito a paisagem e canto de passarinhos pela madrugada.

O que os 60 contos não lhe pagarão, nem muito nem pouco, é o mel da primeira lua, que o sr. Halfeld azedou para sempre. E, a lua de mel, lua mais lua que qualquer outra lua; é como se fôsse a lua de lua — e quando a lua está de lua nós todos, aluados, nos aluamos lunáticos sob a lua, sôbre a lua, além da lua.

Perdeu o sr. Mancine sua viagem à lua; é melancólico, e pode ser irreparável: um homem não recebe muitas vezes em sua vida bilhete para essa viagem, e muitos há que apenas recebem um; e muitos nenhum. Quando a coisa vem, nem é preciso tomar trem nem avião, a pessoa navega com asas de ar, ou de luar. Eu por mim ando assim, sr. Mancine, e se não decolo não é por falta de fotógrafo nem de fé, mas por falta de noiva. E noiva até hoje ainda é a única máquina de visitar a lua.



P.S. — Tenho a satisfação de dizer que a minha crônica de ontem, sôbre a venda do prédio da Confeitaria Colombo, baseou-se em uma notícia inexata publicada em outro jornal: a velha e bela Colombo não vai ser vendida, nem ninguém pensou nisso.